

# Número de alunos na pré-escola cresceu 48% em 87

Adriana Lorete

Eliane Bardanachvili

Os brasileiros mudaram de comportamento em relação à importância do curso pré-escolar no desenvolvimento da criança. Este é um dos resultados que mais se sobressaem na última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, ainda em fase de conclusão. Segundo a pesquisa, em 1987, era de 3,9 milhões o número de crianças matriculadas no pré-escolar, 48% a mais do que em 1986 e quase quatro vezes mais do que no início da década, em 1981.

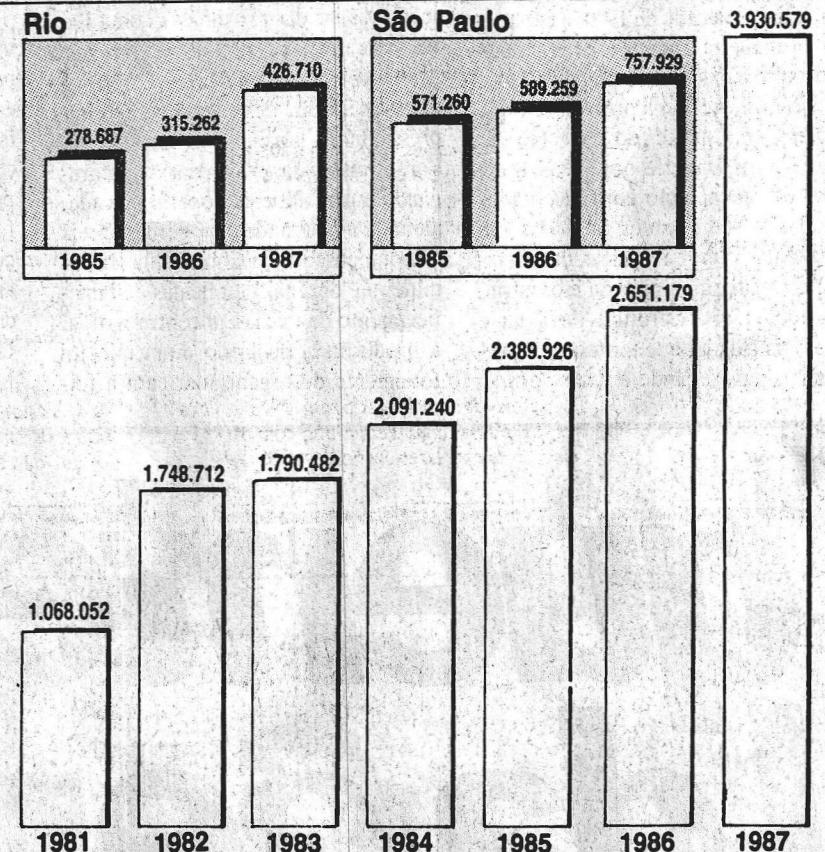
Especialistas em educação, professores e donos de escola afirmam que há mais de uma década a demanda pela pré-escola é muito grande, mas a oferta sempre foi menor. Agora, começa a se delinear uma tendência de aumento do número de estabelecimentos de ensino de pré-escolar estaduais, municipais e particulares, inclusive das escolas alternativas e não oficializadas. O fato é que, de uma maneira ou de outra, os pais têm procurado um espaço para que seus filhos freqüentem o ambiente escolar cada vez mais cedo. A coordenadora de pré-escolar da Secretaria estadual de Educação do Rio de Janeiro, Haydée Gouveia Ribeiro, considera positiva esta demanda crescente. "Os pais estão cada vez mais esclarecidos em relação ao papel da pré-escola no desenvolvimento intelectual e cognitivo da criança", diz ela.

No Estado do Rio, havia 551 estabelecimentos pré-escolares na rede estadual em 1986 e hoje existem 582, a tendência é o número aumentar. As pré-escolas da rede particular somam atualmente 954 e, segundo o setor de cadastros da Secretaria de Educação, os pedidos de autorização de funcionamento de novos estabelecimentos muito mais numerosos que as solicitações de fechamento.

Para o professor Gaudêncio Frigotto, doutor em educação e coordenador do curso de mestrado em educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), começou a haver, no início dos anos 80, uma pressão organizada sobre o Estado para uma oferta mais ampla de estabelecimentos de ensino pré-escolar, por parte de setores da sociedade como sindicatos e associações de moradores. "Essa conscientização para a necessidade de uma formação que date dos primeiros anos de vida deve-se, entre outros fatores, a um processo de modernização da sociedade e a uma nova maneira de se encarar a

## Evolução do número de matriculados no pré-escolar

(Brasil)



Fonte: PNAD/IBGE

criança", comenta o professor. "A criança precisa de uma formação mais socializada, para acompanhar este processo".

**Constituição** — Um dos reflexos dessa crescente pressão pela garantia da pré-escola, lembra o professor Frigotto, é o fato de o tema estar presente na nova Constituição. Até então, as obrigações do Estado em relação à educação começavam no 1º grau, para as crianças a partir dos 7 anos. Na nova Carta, foram reservados quatro artigos para tratar da responsabilidade da União pelo atendimento, em creches e pré-escolas, das crianças com menos de 6 anos.

A noção de escola como um direito tem ficado cada vez mais clara no Brasil, na opinião da professora Sônia Kramer, autora de uma tese de mestrado e de diversos artigos, publicados em revistas especializadas, sobre o pré-escolar. "Na nossa história, a pré-escola ainda é um tema muito recente", diz Sônia. Ela lembra que ainda existe uma grande tendência da procura pela pré-escola como um lugar de confiança para quem não tem com quem deixar os filhos e ir trabalhar. O movi-

mento crescente de mulheres que trabalham fora e a consequente perda de importância da figura da dona-de-casa, junto com a dificuldade de se contratar babás ou empregadas domésticas, fizeram da pré-escola uma espécie de tábua de salvação, única opção de abrigo para as crianças.

Este motivo prático está ligado a uma mudança na organização da sociedade. Mas não se pode perder de vista que a pré-escola é não só um direito da mãe e do pai trabalhador, como da criança. É importante que ela tenha esta alternativa de socialização — afirma Sônia.

Para a professora, no entanto, deve-se defender o direito, nunca a obrigatoriedade da pré-escola. Ela considera, ainda, "em resposta" a questão sobre a influência do pré-escolar no bom desenvolvimento da criança nas etapas seguintes do aprendizado. "Vai depender de inúmeros fatores, relativos à própria qualidade do pré-escolar, do 1º e também da história da criança, em família", explica ela. Mas Sônia Kramer faz questão de afirmar que a criança que não tem acesso ao pré-escolar está em desvantagem, por não ter direito de escolha.

Há quem atribua às facilidades do Plano Cruzado o aumento da procura do pré-escolar. "Minha escola *inchou* nesta época, para depois voltar ao normal", conta Lauro Henrique de Oliveira Lima, diretor da escola Chave do Tamanho, no Leblon, Zona Sul do Rio. A Chave do Tamanho chegou a ter 350 alunos em 1986 e tem, hoje, 300, número considerado normal por Lauro.

Mas o diretor do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Rio de Janeiro, Paulo Sampaio, considera o Plano Cruzado apenas "uma das explicações", para a alta de cotação da pré-escola. "Nas reuniões do sindicato, por exemplo, cada vez aparecem mais donos de novas pré-escolas", atesta ele. Paulo Sampaio é diretor do Colégio Princesa Isabel, em Botafogo, também na Zona Sul do Rio, no qual houve um aumento de 30% na procura pelo pré-escolar e de 50% pelo horário integral. "Se existissem recursos financeiros maiores nas famílias, esta procura pelo horário integral aumentaria em 90%. É a tendência. E só não acontece por uma limitação salarial", afirma Paulo Sampaio.



Felipe (direita), 3 anos, passou a falar com mais desenvoltura